

CUIABÁ, AFLUENTE DO PARAGUAI, NA PERSPECTIVA DE VIRGÍLIO CORRÊA FILHO

CUIABÁ, AFLUENTE PARAGUAY, IN THE PERSPECTIVE
OF VIRGÍLIO CORRÊA FILHO

Suíse Monteiro Leon Bordest

Geógrafa, Mestre em Geografia, Doutora em Geociências, Membro efetivo do IHGMT desde 1997. bordest@uol.com.br

RESUMO – O texto tem como principal objetivo apreciar registros de autoria de Virgílio Corrêa Filho no artigo titulado: “*Cuiabá, afluente do Paraguai*”. A obra por ele realizada recupera dados fornecidos por antigos viajantes, e analisa fenômenos em redes hidrográficas a que chamou de “*leitos errádios*”. De suas observações, publicadas no ano de 1942, resgatam-se referências de ocorrências de **capturas fluviais** na bacia do Cuiabá, como inegável contribuição sobre ações geomorfológicas, onde a dinâmica da natureza tem grande influência e pode acarretar intrigantes consequências econômicas e sociais.

Palavras chave: Capturas Fluviais. Rio Cuiabá. Rio São Lourenço. Rio Paraguai.

ABSTRACT – The main objective of the text is to appreciate the records of Virgílio Corrêa Filho’s authorship in the article entitled “*Cuiabá, affluent of Paraguay*”. His work recovers data provided by former travelers, and analyzes phenomena in hydrographic networks that he called “*beds errádios*”. From his observations, published in 1942, references are made to occurrences of river catch in the Cuiabá basin, as an undeniable contribution to geomorphological actions,

where the dynamics of nature have great influence and can lead to intriguing economic and social consequences.

Keywords: River catch. Rio Cuiabá. São Lourenço River.

APRESENTAÇÃO

O presente artigo tem como objetivo principal apreciar o importante registro do notável historiador e engenheiro Virgílio Alves Corrêa Filho, que no ano 2017 comemora 130 anos do seu nascimento, uma promoção do IHGMT. Trazemos a lume breve comentário do texto de sua autoria intitulado “*Cuiabá, afluente do Paraguai*”, uma publicação da Revista Brasileira de Geografia RBG de 1942. Tal registro destaca sua relevante contribuição à abordagem geomorfológica das capturas fluviais. Sua estrutura é composta por 5 subcapítulos: Leitões Erradios, Boca Brava, Depoimento valioso, Luta de Rios e Tarigara.

Nascido em Cuiabá, em 1887, onde fez os primeiros estudos, mais tarde, Corrêa Filho fixou residência definitiva no Rio de Janeiro, onde realizou o curso superior em Engenharia e integrou o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), do qual foi, por muitos anos, seu Secretário Geral. Faleceu nessa cidade, no dia 11 de setembro de 1973, tendo sido velado na sede do IHGB.

Um conjunto de produções na área das Ciências Humanas e Sociais, ao lado de muitas peças literárias no campo político, fez de Corrêa Filho um dos mais importantes historiadores de Mato Grosso e do Brasil. Foi sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT) e do Centro Mato-Grossense de Letras, (AML), instituições onde muito colaborou com serviços e produção intelectual.

Para homenageá-lo nesta edição da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (RIHG-

MT), n. 79, destacamos uma de suas obras, “*Cuiabá, afluente do Paraguai*”, na qual consubstancia notícias e reflexões chamando a atenção para o fenômeno dos *leitos erradios* ou das *capturas fluviais*, frequentes nas áreas pantaneiras, com imprevisíveis consequências.

Nesse memorável artigo, publicado na Revista Brasileira de Geografia n. 1, jan-mar. de 1942, Corrêa Filho foi um dos pioneiros no registro e estudo de fatos da história e geografia mato-grossense, chamando a atenção para o caso: ***Qual seria o principal rio a desaguar no Paraguai?*** Incógnita a ser desvendada pelos primeiros bandeirantes setecentistas e que perdurou por muito tempo: o

Ao iniciar sua explanação, o autor noticia que, quando os bandeirantes setecentistas ultrapassavam proximidades do paralelo 18° Sul, ao deixar o rio Paraguai, entrava no seu afluente, por eles denominado de **Porrudos**, o mesmo nome dos índios que povoavam suas cabeceiras, conforme informados na época por Antônio Pires de Campos, que escravizava tribos indígenas da região.

No sentido geográfico, Corrêa Filho lembra que, afastando da morraria, que nesse trecho, ladeia o rio principal, a oeste, o caudal penetra na amplidão dos pantanais, que se transforma em imenso lençol líquido nas cheias anuais.

Nas vizinhanças da latitude 17°20’ Lat. Sul, o curso d’água ao bifurcar-se, de novo, em curiosa forquilha, um dos braços ia ter aos domínios do gentio Cuiabá, de que tomou o nome; o outro braço provinha mais a leste das serranias, onde em suas cabeceiras se refugiavam os índios **Porrudos**, remanescentes da raça outrora dominadora.

Pergunta Corrêa Filho (1942, p. 3):

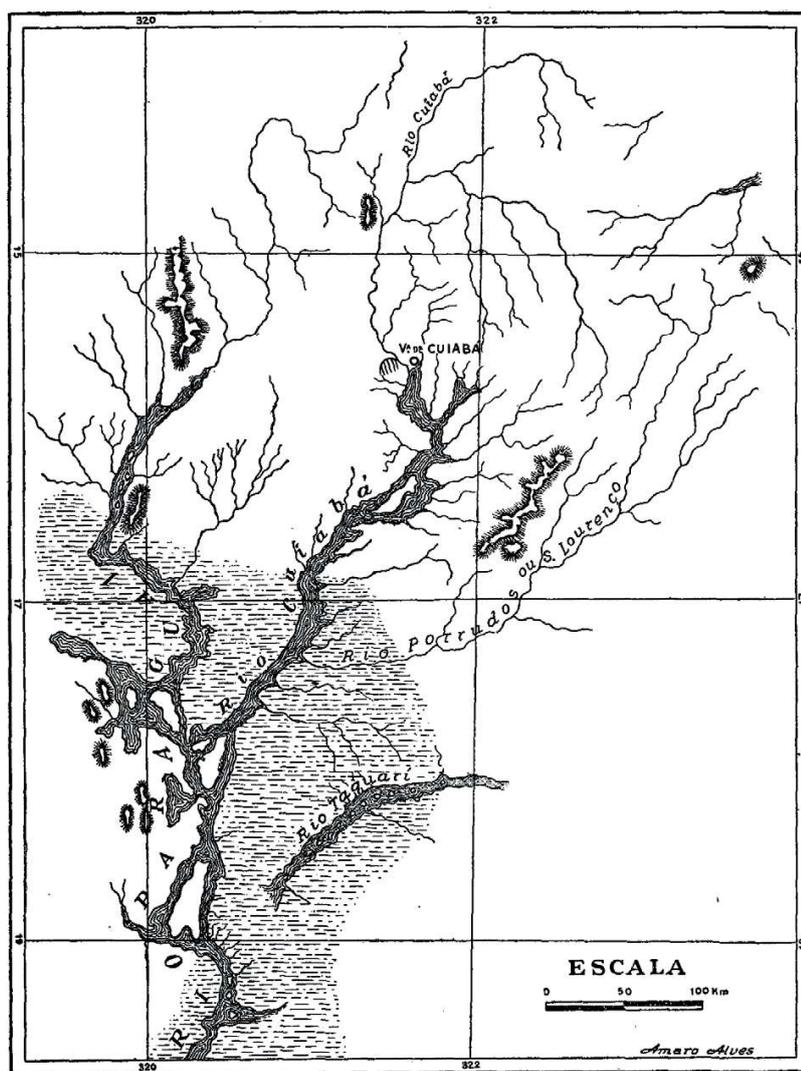
“Qual dos dois galhos seria o principal, cujo nome deveria persistir até desaguar no rio Paraguai”?

Frente ao impasse, “os sertanistas, pelo tino prático, sem cogitações doutrinárias, que prescrevem as condições exigíveis de cabeceiras formadoras, decidiram-se a

favor do braço oriental, na aparência mais considerável, de que o outro, em cujas margens as minas de ouro fixaram núcleo estável de povoadores, classificar-se-ia como simples caldatário”. (CORRÊA FILHO, 1942, p. 4).

Contrariamente, se posiciona a carta oficial “Mapa Geográfico da Capitania de Mato Grosso”, elaborado no ano de 1802, por ordem do Capitão General Caetano Pinto de Miranda Montenegro, que prolonga o rio Cuiabá até a margem esquerda do rio Paraguai, enquanto o outro seria seu tributário. (CORRÊA FILHO, 1942, Fig. 1, p. 4).

Figura 1 – Mapa Geográfico da Capitania de Mato Grosso, elaborado pelo capitão-general Caetano Pinto de Miranda Montenegro (1802)

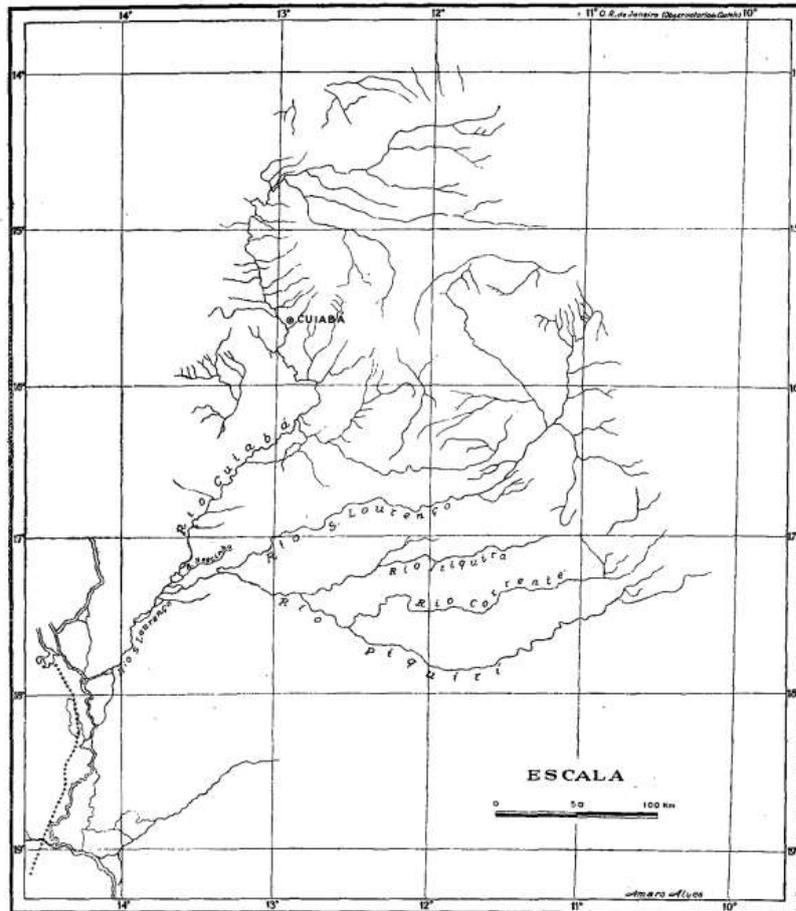


Fonte: Revista Brasileira de Geografia, jan-mar 1942, p. 4

Na sequência, lembra Corrêa Filho (p. 5), a versão generalizada, porém, firmou a tradição bandeirante, consoante a qual escreveu Leverger, que detinha indiscutível autoridade no assunto: “Enfim, daí a três milhas lança-se o Cuiabá no São Lourenço, com um curso de 235 milhas desde a capital, ou 447 de curso total”.

E, páginas adiante, ao tratar da barra seguinte: “Finalmente, descendo mais meia légua, chega-se a foz do São Lourenço, que entra em um braço do Paraguai formado por uma ilha”. (CORRÊA FILHO, 1942, Fig. 2).

Figura 2 – Mapa Geográfico da Província de Mato Grosso, organizada por Francisco Antônio Pimenta Bueno (1880)



Fonte: Revista Brasileira de Geografia, jan-mar 1942, p. 5

Endossou os ensinamentos de Leverger, o mapa de Pimenta Bueno de 1880, no qual “se espelhariam os resultados das explorações geográficas até essa data realizadas”. (CORRÊA FILHO, 1942, p. 6)

Assim considerado, conforme este autor, “[...] objeção alguma diminuiria o primado adquirido pelo São Lourenço, se remodelação, incessante naquelas paragens, não lhe tivesse golpeado o barranco de maneira impressionante”. (CORRÊA FILHO, 1942, p. 6).

No que tange aos **Leitos Errádios**, a investigação minuciosa de Corrêa Filho, no início do século XX, recupera fatos e fenômenos relativos ao conhecimento de mudanças de leitos em bacias hidrográficas da região. A esse fenômeno chamou de “leitos errádios”.

Atestando o fato, escreve Virgílio, “[...] não obstante em menores proporções, o fenômeno (leitos errádios) repete-se de contínuo, como evidenciam **alguns exemplos** fornecidos pelos geógrafos que perlustraram a região em várias épocas e até as ocorrências por assim dizer contemporâneas” (CORRÊA FILHO, 1942, p. 8).

Em 1754, José Custódio de Sá e Faria, de acordo com Manuel Antônio de Flores, chefes respectivamente da 3ª Partida de Limites por parte de Portugal e de Castela, assinaram o termo de ereção do marco da boca do Jauru, em que se lê informativa declaração.

Fomos os dois comissários e cosmógrafo, com o oficial que havia vindo de Cuiabá, e navegando o rio acima pelo Paraguai, a curto espaço chegamos a uma boca de riacho tapada com erva, a qual disseram os práticos de Cuiabá e Mato Grosso, que era a boca antiga do **Jauru**, que mais acima estava a que servia atualmente para desaguar o dito rio Paraguai; passamos adiante, e entramos por ela, e pelo rio Jauru até duas léguas para dentro...

O remanescente do velho desaguadouro transformara-se em corixo, destinado a sumir, aterrado gradativamente pela colmatagem, que o entrançado de plantas hidrófilas apressava desmedidamente, enquanto o novo se abria a mais e mais, até absorver a vazão total.

Igualmente, observaria Lacerda e Almeida, quando em 1786 participou da comissão exploradora do rio Paraguai.

Uma légua e três quartos abaixo do Dourado está a boca do Chené, a que chamam rio Chené; e eu, pelo que tenho ouvido dizer, lhe chamo boca austral do rio Porrudos: a entrada contudo deste furo no Porrudos já está tapada, e se não navega mais por ela”. E, em outra referência: “seria a passagem para ela (lagoa) a de que fala o velho Claro, aquela mesma, mas já tapada pelo tempo; o que não é para admirar, pois este rio é muito sujeito a tapagens. (ibidem, p. 6).

Decorrido mais de um século, caberia a Leverger mencionar ocorrência análoga, em paragens mais setentrionais, onde notou: “Com milha e meia de marcha encontrou-se a grande e alagadiça ilha de Uacurutuba, separada da do Piraim por um braço de rio, que já foi o canal, mas hoje está quase intransitável. O outro da esquerda é estreito, sinuoso em alguns lugares e muito tortuoso”.

E, adiante, ao rematar a descrição do Cuiabá, ainda anotaria igual tendência do rio a mudar continuamente de leito: Daí a três milhas lança-se o Cuiabá no São Lourenço, com um curso de 235 milhas desde a capital, ou 447 de curso total. Não há muitos anos, ainda não era essa a foz do Cuiabá, e sim, meia (meia) milha, abaixo, no local hoje conhecido pelo nome de Barra Velha. “Tal fenômeno se repete por diversos tributários do Paraguai. Há, porém, o caso mais recente que pôde ser acompanhado neste século” (século XX).

Corrêa Filho vislumbrou um acidente inédito a partir das elevações de Melgaço “[...] para jusante, o rio (Cuiabá) bifurca-se em dois galhos, entre os quais se encontra a ilha do Piraim, cuja banda oriental se retalha incessantemente e recompõe, mercê da mobilidade dos canais que a flanqueiam” (CORRÊA FILHO, 1942, p. 7).

No início do século XX, já se notava à margem esquerda do Cuiabá a **boca do Guató** que, a pedido dos ribeirinhos interessados na manutenção do regime

existente, o governo do Estado forcejou por tapar, a princípio com entrocamento de pedra conduzida de longe, e, mais tarde, com estacas de madeira.

Fortalecido o barranco artificialmente, em certo ponto, rasgava-se, adiante, como prova da sua inconsistência diante do dinamismo da correnteza. “Por fim, bastou cheia mais volumosa do rio para inutilizar a escassa vantagem alcançada e alargar a derivação, pela qual, em curto prazo, escoar-se-ia toda a descarga fluvial”. (CORRÊA FILHO. 1942, p. 7).

Devido ao desvio das águas, a usina de Porto Urbano passou a sentir a escassez de água corrente, assim como os moradores de Atibaia, a jusante: “A quantidade de água se torna insuficiente para manutenção da rota de navios de conhecida linha de navegação”. (IBIDEM).

O Cuiabá mudara de álveo, através da “Boca do Guató”, que o levou pelo “Correr d’Água”, desviando, em longo trecho, do Uacurutuba, como este procedera em relação ao mais antigo, referido por Leverger.

Referindo-se, ao século XIX, esclarece Corrêa Filho que,

[...] as transformações apontadas, porém, por mais apreciáveis que sejam, e expressivas das particularidades dos rios da bacia paraguaia, cujo caimento se mantém diminuto por longas distâncias, não se comparam com a que modificou inteiramente as características potamográficas do São Lourenço neste século.

Já não se tratava apenas da tendência divagante do rio, como ocorreu com o Cuiabá, que recua de contínuo para leste, nas vizinhanças do Uacurutuba, mas de transformação mais radical.

No subcapítulo intitulado **Boca-Brava**, escreve Corrêa Filho (1942, p. 8):

Rolavam mansamente os dois rios as suas águas, em leito separado, habitualmente, ou confundidos nas inundações dos pantanais interjacentes, quando, pelo fim do século passado, acima da barra do

Piquirí, a uma distância aproximadamente igual à que a separava da confluência imediata, a jusante, rompeu insidioso furo pela margem direita do S. Lourenço. [...] Não obstante de calibre diminuto, a princípio, o nome, que o distinguiu, “Boca-Brava”, indicava expressivamente a violência da evasão lateral, que, uma vez iniciada, iria progressivamente aumentando até engolir o rio inteiro. [...] Insignificante desnível bastou para alterar a vazão do rio, cujo volume já não seguirá, como outrora, pelo caixão debruado de mata verdejante, que moveria Pimenta Bueno a declarar convicto: [...] o rio São Lourenço da foz à colônia, oferece, em qualquer estação do ano, navegação muito melhor do que o rio Cuiabá à capital.

Importante observar, todavia, que por essa época (1880), esta via bandeirante era frequentada pelos navios que mantinham a comunicação regular, de Corumbá para cima, ao passo que a primeira não oferecia a mesma segurança à travessia pelas terras dos bororos, índios ainda refratários ao convívio civilizado, que só mais tarde deporiam as armas, com que hostilizavam os seus domínios.

Fatos históricos, lembrados por Corrêa Filho, no subtítulo **depoimento valioso** indicam que no final do século XIX, após a pacificação dos Bororos, que permitiu o loteamento das terras até então praticamente vedadas à ocupação pacífica, ao ser assinada a primeira concessão de terras naquela zona, outras já seriam as circunstâncias.

Relata Corrêa Filho que corria o mês de novembro de 1893 quando o agrimensor incumbido da respectiva medição executou a sua tarefa, iniciada, justamente, na bifurcação incipiente e ao cabo da qual resumiu as suas impressões de observador sagaz:

Todo esse terreno (ao longo do desaguadouro, por cerca de nove km) hoje imprestável, parece ter sido, em outro tempo, campos de excelentes pastos, tornando-

-se brejo, depois que se abriu esse furado do S. Lourenço, cujas águas sem canal para dar-lhe saída os alagam por tanto tempo, inutilizando-os. Prova isso a quantidade de madeiras como cumbaru, vinhático e outras que só se encontram em terreno alto.

A ocorrência potamográfica sintetizava-se pelo topônimo que a individualizava:

Boca Brava” chamar-lhe-iam os brancos assustados com o tumultuar dos filetes, que doidamente rompiam o equilíbrio hidráulico do canal primitivo, e, favorecidos pelo **desnível**, maior do que no velho leito, embarafustavam pela abertura inesperada, em movimento turbilhonar, cuja força viva apressaria a desagregação das paredes laterais, como do fundo.

Outra denominação entrou a circular entre os Bororos, aldeados nas vizinhanças, que aplicaram ao rio nascente o título de “Tarigara”, destinado a perdurar, com prejuízo do outro, cuja significação correspondeu apenas à primeira fase do fenômeno.

Sobre luta de rios, escreve Corrêa Filho (1942, p. 9):

Não era ainda rio, quando recebeu tal batismo na linguagem bororiana. Mas, a sangria lateral, sugada pela **Boca Brava**, iria incessantemente avultando, de ano para ano. Cada enchente, de velocidade acrescida, contribuiria para alargar a abertura, de possível tapagem nos primeiros tempos, quando não se aprofundara ainda a cava do incipiente desaguadouro.

E, continua: “O seu traçado iria definir-se através de depressões, que evidenciavam, entre o Cuiabá e o S. Lourenço, facilidade impressionante de ligação espontânea, como a baía dos Guatós, da Capivara, dos Coqueiros, do Bonfim e sem número de corixos”. (CORRÊA FILHO, 1942, p. 10).

Antes que se canalizasse, entretanto, a irrupção de crescente descarga, evadida do S. Lourenço, espraiar-se-ia pelas baixadas próximas, às tontas, sem rumo aparente. (ibidem, p.10)

Relata Corrêa Filho que, “por volta de 1901, um fazendeiro estabelecido próximo à Barra do Piquiri, resolveu subir o S. Lourenço, em batelão de calado escasso”. Passou pela Fazenda Pindaival, estendida pelo pontal formado por aquele rio e o Piquiri. Durante a viagem vários episódios denunciavam o definhamento do rio (S. Lourenço). O qual acabara por secar, completamente.

Da “Boca Brava” para jusante, o S. Lourenço apenas tomava água nas grandes cheias.

Tarigara, nesse contexto hidrográfico, é mais um episódio relatado por Corrêa Filho (1942, p. 11): “E enquanto definhava o S. Lourenço, mercê da perda progressiva do volume captado em bacia imersa, avultava o seu sucessor, que lhe tomaria a opulenta descarga, à proporção que lhe reduzisse a influência na toponímia”.

Tarigara era a princípio, simples sangradouro que enchia na época das cheias anormais. Minúsculo tributário, que, valeu-se da força viva nas cheias periódicas, para aumentar gradativamente sua calha. E, à medida que fixava seu leito, surgia nas suas margens, por longa extensão, vegetação característica, de que lhe revestem as margens por longas extensões.

Como observa o autor: “Não obstante vitorioso no tomar as águas do S. Lourenço, a ponto de secar-lhe completamente o leito, não seria fácil ao Tarigara canalizá-las de improviso por outros rumos”. (CORRÊA FILHO, 1942, p. 12)

Adiante, referindo-se aos sedimentos inconsolidados: “A própria depressão, de sedimentos frouxos, que lhe favorecera o desenvolvimento, iria retardar-lhe a fixação do curso”.

Outra importante observação de Corrêa Filho refere-se ao fato de quando começou o rio a ser navegado pela “Rosa Bororo”, lancha da Inspetoria dos Índios, e “Treze de Junho”: “O viajante que deixar Cuiabá, pouco abaixo do Aterrado, e transmontar-lhe a correnteza, sentirá abrirem-se desmedidamente os horizontes, mal limitados

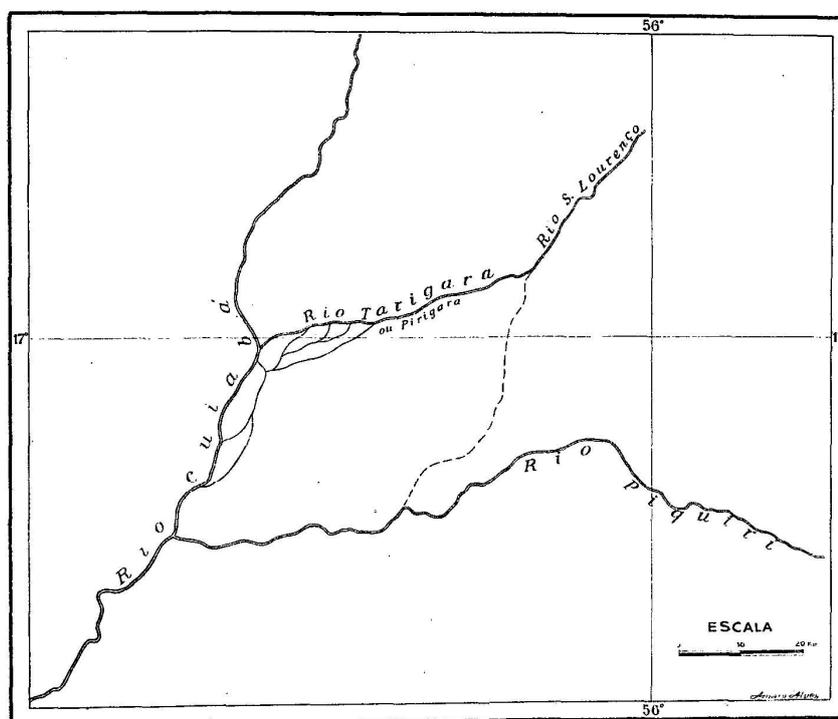
por escassos capões marginais de guanandis e cambarás que ao longe aparentam contínua faixa azulada”.

Escreve Corrêa Filho (p. 13): “E enquanto se constituiu o Tarigara, (rio que não tem manadeiros) o São Lourenço, que lhe cedeu às águas, perde, com o próprio nome, a sua antiga individualidade, e só se mantém vivo de Boca Brava para montante, às mais altas cabeceiras.”

Daí para jusante, o leito velho, até o encontro de Piquiri, serviu de paciente cenário à agonia do rio, que de ano para ano sentiu diminuir o seu movimento e volume, até se converter em corixo morto, que somente nas grandes cheias recebia águas correntes, transbordantes da capacidade do Tarigara.

Por fim, o próprio corixo sumiu, tornou-se amplo vale seco:

Figura 3 – Mapa Geográfico dos divisores das águas dos três rios



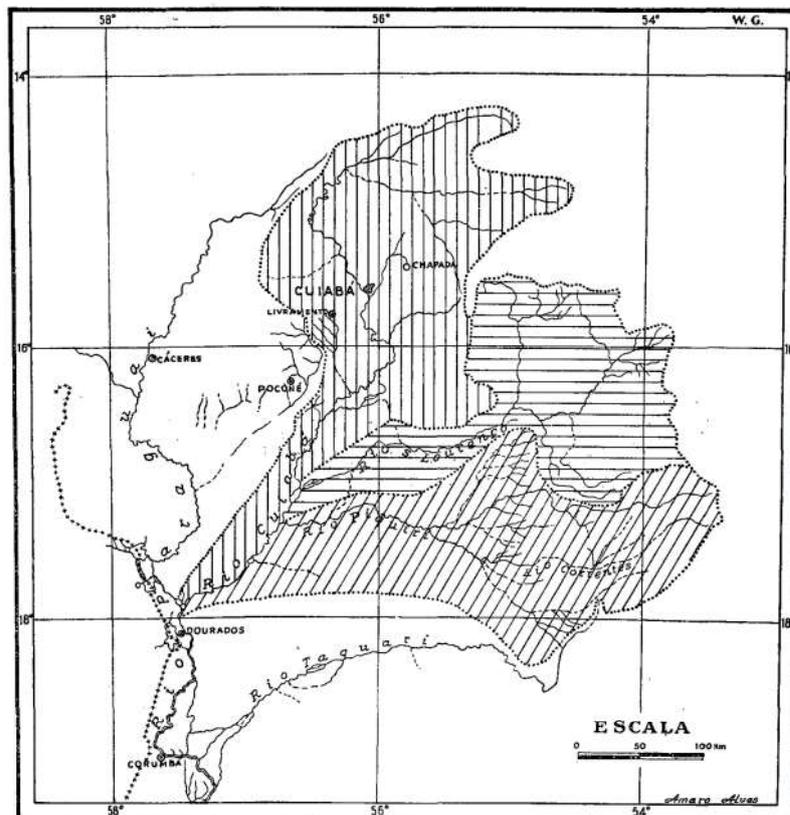
Fonte: Revista Brasileira de Geografia, jan-mar 1942, p. 16

Ao sul, o rio Piquiri ostenta sua libertação do jugo lourenciano, reduzindo-se a área de captação e de sua bacia hidrográfica.

Nessa condição conclui Virgílio,

[...] se antigamente ainda poderia questionar dos direitos do rio Cuiabá à supremacia toponímica, até a junção com o Paraguai, hoje em dia nenhuma dúvida resultará dos fatos observados, depois que o São Lourenço perdeu a própria individualidade, substituída, no curso inferior, pelo Tarigara, ao mesmo tempo, que se lhe reduzia o volume, em virtude da separação do Piquiri.

Fig. 4 - Esboço das condições atuais da confluência transfigurada (1942)



Fonte: Revista Brasileira de Geografia, jan-mar 1942, p. 15

O rio S. Lourenço já não coleta no trecho pontilhado que secou, e desviado pelo furo de Boca Brava, perdeu o nome. E, assim vão separadamente desaguar no Cuiabá o Piquiri, cujo leito proporcionado ao volume de outrora, sobra para sua própria descarga, e o Tarigara, avatar do S. Lourenço, que não logrou ainda alargar a sua cava, por maneira que evite as sangrias laterais destinadas o amplo coletor cuiabano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerrando o artigo, retoma Corrêa Filho (1942):

A realidade potamográfica, pois, naquele trecho já não justifica a permanência da terminologia tradicional, que perdeu de todo a sua significação. E, assim, atualmente deve ser considerado o rio Cuiabá afluente da margem esquerda do Paraguai, a que leva as próprias águas, já misturadas com as do Piquiri, recebidas em calha regular, e as do Tarigara, cujo leito não se fixou ainda, para conter toda a descarga do S. Lourenço, cuja herança usurpou, em singular golpe de captura hidráulica. (1942, p. 16).

Vale lembrar que, atualmente o rio Tarigara é mais conhecido como Pirigara.

Entre outros esclarecimentos o presente artigo de Corrêa Filho, descrito em 1942, trás importante informação sobre o processo do desvio natural de um rio para o canal de outro rio, que na linguagem geomorfológica é tido como o processo das **capturas fluviais**. Fenômeno esse bastante amplo na morfogênese pantaneira, onde as águas se espraiam nas cheias anuais.

Lembramos que qualquer que seja o fenômeno das capturas fluviais, estas mostram a luta incessante pela drenagem entre bacias fluviais vizinhas, luta que desloca constantemente as linhas de partilha das águas. A bacia do rio mais favorecido pelo declive, pelas precipitações e pela natureza do solo deve alargar-se a custa dos concorrentes menos felizes.

Christofoletti, citando William Morris Davis (1896) e Christofoletti (1975), comenta no seu livro Geomorfologia Fluvial (1981, p. 135):

“Na literatura geomorfológica, a captura fluvial corresponde ao desvio das águas de uma bacia fluvial para outra, promovendo a expansão de uma drenagem em detrimento da vizinha. A captura representa processo na modificação de drenagem, constituindo fenômeno descrito desde longa data, tornando-se clássico o

trabalho de William Morris Davis (1896) sobre os rios Meuse e Moselle, na França. O arranjo e disposição espacial dos cursos de água constituem o principal critério para se inferir a existência de capturas fluviais, embora a interpretação dos aspectos evolutivos do acontecimento se baseie no estudo de mapas e em pesquisas de campo. Em termos gerais costuma-se classificar os tipos de ocorrência de capturas fluviais como ligados à absorção, ao aplainamento lateral, ao transbordamento, ao desvio subterrâneo e ao recuo das cabeceiras”. (CHRISTOFOLETTI, 1981).

Apesar da complexidade do fenômeno, pode-se dizer que no caso da captura do S. Lourenço pelo rio Cuiabá ressalta-se a captura por transbordamento, que se realiza quando um curso de água, recebendo carga muito elevada de sedimentos (colmatagem), entulha o seu leito elevando-o até um nível superior dos colos mais baixos que separam seu vale dos adjacentes. O curso de água vai oscilando sobre a planície de inundação e casualmente pode atravessar um dos colos e desviar para o vale vizinho. Efetuando o transbordamento, a maior declividade existente no trecho ocupado pelo novo traçado fará com que a erosão seja mais intensa e o entalhamento redundará na consolidação do novo percurso fluvial.

Vários exemplos de capturas fluviais podem ser apontados no mundo e no território brasileiro, enquadrados nesse esquema interpretativo sob as pressuposições da teoria davisiana.

Já, no contexto da teoria do equilíbrio dinâmico, considerando o rio como sistema aberto, funcionando através do fluxo de matéria e energia, há possibilidade para se reformular o tema sobre as capturas fluviais.

A teoria *deverement*, explica a captura como sendo devida a uma diferença de nível existente entre dois rios, resultando o lançamento do rio mais alto no mais baixo.

Finalizando, com o artigo “Cuiabá, afluente do rio Paraguai” Virgílio Corrêa Filho ao dialogar com

viajantes de épocas memoráveis, recupera representações potamográficas voltadas à bacia do Cuiabá. Nos detalhes do texto patenteiam-se ocorrências de ações geomorfológicas das capturas fluviais, onde a dinâmica da natureza tem grande influência e pode acarretar intrigantes consequências econômicas e sociais. Nesse contexto o autor esclarece porque o título deste texto não seria endossado por navegadores bandeirantes desses rios lendários, os quais não atinando para exigências de cabeceiras formadoras, entre outras condicionantes que determinam a grandeza de rios, decidem-se apenas pela aparência mais considerável.

REFERÊNCIAS

CHRISTOFOLETTI, Antônio. *Capturas Fluviais*. In: *Enciclopédia Mirador Internacional*, São Paulo, v. 5, ano 1975.

CHRISTOFOLETTI, Antônio. *Geomorfologia Fluvial*. São Paulo: Edgard Blucher, 1981.

CORRÊA FILHO, Virgílio. *Cuiabá, afluente do Paraguai*. *Revista Brasileira de Geografia* ano IV, n.1, janeiro-março de 1942.

DAVIS, William Morris. “La Seine, La Meuse et La Moselle”, *A. d. G.*, 1895.

DE MARTONNE, Emmanuel. *Panorama da Geografia*, Lisboa: Edições Cosmos, 1953. (Volume I)

MONTENEGRO, Caetano Pinto de Miranda. *Mapa Geográfico da Capitania de Mato Grosso em 1802*. Faltou complemento

LACERDA e ALMEIDA, Francisco José. *Diário de reconhecimento do rio Paraguai*. Faltou compemento

PIMENTA BUENO, Francisco Antônio. *Carta da Província de Mato Grosso*, organizada em 1880 (por Francisco Antônio Pimenta Bueno, Tenente Coronel do Estado Maior de 1ª Classe). Faltou compemento